



LUIS EDUARDO SANTOS

**ANÁLISE DO PROCESSO DE ENTURMUÇÃO EM ESCOLAS
DE LAVRAS E REGIÃO POR MEIO DA EXPERIÊNCIA DO
ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

**LAVRAS-
MG 2020**

LUIS EDUARDO SANTOS

**ANÁLISE DO PROCESSO DE ENTURMUÇÃO EM ESCOLAS DE LAVRAS E
REGIÃO POR MEIO DA EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

Monografia apresentada ao
colegiado do curso de Ciências
Biológicas para obtenção do título
de licenciado em Ciências
Biológicas.

Orientadora

Prof (a). Dr (a). Marina Battistetti Festozo

LAVRAS- MG

2020

LUIS EDUARDO SANTOS

**ANÁLISE DO PROCESSO DE ENTURMUÇÃO EM ESCOLAS DE LAVRAS E
REGIÃO POR MEIO DA EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

Monografia apresentada ao
colegiado do curso de Ciências
Biológicas para obtenção do título
de licenciado em Ciências
Biológicas.

_____Lavras_____ em 21 _____ de Agosto_____ de 2020

Dr. Antonio Nascimento Fernandes Junior - UFLA

Dra. Larissa Figueiredo Salmen Seixlack Bulhões - UFLA

Prof. Dra. Marina Battistetti Festozo

Orientadora

LAVRAS- MG

2020

Aos meus pais que me possibilitaram ser o homem que eu sou hoje, que com seu amor incondicional me ensinara, a ser forte e a encarar com alegria os desafios que a vida oferece. Por me ensinar a ouvir, a apoiar e a respeitar o outro. Amo muito vocês!

Ao meu irmão Rafael e minha irmã Jaqueline por todo o amor e por toda a paciência que tiveram comigo durante todos esses anos, por nos mantermos unidos. Amo vocês!

A minha noiva que me acompanhou nesse processo e me ajudou a conseguir chegar no final e pela paciências que teve comigo durante todos esses anos. Te amo!

A todas professoras e professores que com a sua força enfrentam batalhas diárias para que todos os brasileiros tenham o acesso ao conhecimento e por uma educação de qualidade.

DEDICO

AGRADECIMENTOS

Gratidão, é o que eu sinto quando penso em cada um de vocês pra quem eu escrevo agora, é um agradecimento sincero, é o sentimento que me torna menos egoísta, um amor puro, é o sentimento de felicidade, que eu sinto a cada lembrança que se passa em minha mente quando escrevo. O meu obrigado á todos vocês que caminharam comigo e me ajudaram a chegar até aqui.

Agradeço primeiramente a Deus que meu deu força e sabedoria para conseguir trihar o caminho até o final. Aos meus pais por cuidarem de mim, por me darem afeto e me ensinar a amar e acolher a todos.

A minha mãe, Rosa, por todo amor, carinho, atenção, conselhos, por toda luta para me manter aqui e conseguir realizar meu sonho, pelo incentivo, apoio e por sempre me ensinar a ser uma boa pessoa, a me ensinar a ser forte e persistente nas minhas escolhas, por me mostrar a felicidade nos momentos simples você é meu amor maior, meu orgulho, exemplo de mulher, luta e resistência, te amo demais, mamãe! Obrigada por tudo!!

A minha irmã, Jaqueline, por toda cumplicidade, companheirismo, amor, por me apoiar e estar sempre ao meu lado, e por me ajudar a lutar pra que eu consiga realizar meus sonhos.

A minha avó Sebastiana e meu avô Sebastião, por todo cuidado, amor, carinho e paciência que tiveram comigo e por cuidar de mim.

A minha avó Gloria e meu avô João, por me apoiar e me incentivar a continuar os estudos e nunca desestir dos meus sonhos.

A toda a minha família, que me apoiaram nos estudos e que se sentem felizes com cada conquista minha.

Á banca, por ter aceitado o meu convite, o meu obrigado.

À CAPES, por ter possibilitado o exercício e a melhora da minha formação docente.

À todos os funcionarios da UFLA, que trabalham todos os dias para manter a universidade em boas condições.

Aos professores da graduação que me proporcionaram uma boa formação e suportaram as minhas dúvidas muitas vezes sem sentido, mas que me respondiam com toda a paciência e atenção.

Agradeço aos companheiros de luta da Residência, por proporcionar tantos momentos de aprendizado. Agradeço pela oportunidade de participar do programa, pelas atividades

realizadas pelo grupo, o convívio, foram fundamentais para a minha formação.

A minha orientadora, amiga e exemplo de mulher, Marina pela oportunidade da orientação que ultrapassa o âmbito acadêmico, por sempre acreditar em mim, me apoiar, me incentivar, por todos os conselhos, momentos e pela paciência e boa vontade para "embarcar" nas minhas ideias, por saber esperar o meu tempo. Você me ensinou muitas coisas, mas eu queria principalmente agradecer antes de tudo, por você sempre me ensinar e incentivar a ser uma pessoa melhor, por me tranquilizar nos momentos difíceis. Obrigada pelo carinho e por me ensinar tanto, você me inspira!

Este ano tem sido um ano intenso. Ano de recomeço, de crescimento, de finalizações. Ano repleto de incertezas, mas de certezas também e a maior delas é que amizade de vocês foi a melhor coisa que poderia ter me acontecido. Ano especial, cheio de momentos vocês fizeram parte de todos eles.

Ao amor que foi o que me trouxe até aqui e por mais que não pareça, me sustentou em todos os momentos dessa grande jornada, nas mais variadas formas, nos mais variados gestos e vindo de muitas pessoas que foram e são meu apoio, em especial a Beatriz, por estar comigo durante esses cinco anos, por sempre me motivar, por me mostrar a felicidade nas coisas simples, por apoiar minhas ideias, sempre me ouvir, me incentivar, por me ajudar em cada momento difícil e por dividir cada momento feliz comigo, por me ensinar a sempre buscar e dar o melhor de mim em toda situação, pela paciência, companheirismo, por trazer luz e amor para minha vida, por me ensinar a ser melhor, por sempre acreditar em mim, por me fazer me sentir orgulhoso de mim mesmo, por iluminar e fazer dos meus dias mais alegres. Obrigada por toda inspiração, motivação e amor durante todos esses dias e principalmente por nunca ter desistido de nós. Te amo, meu amor!

A todos que eu por ventura tenha me esquecido, o meu muito obrigada e minhas sinceras desculpas.

– *Quem estará nas trincheiras ao teu lado?*

– *E isso importa*

– *Mais do que a própria guerra.*

Ernest Hemingway (1899-1961)

RESUMO

A partir do estágio supervisionado, foi analisada como a composição das turmas/salas de aulas ocorre, procurando entender quais critérios as escolas utilizam para esta organização e suas justificativas. Diante disso, o Estágio Supervisionado proporciona aos professores em formação uma compreensão do processo ensino-aprendizagem, não sendo apenas como uma experiência prática na vida dos alunos, como costumeiramente é compreendido, mas também uma oportunidade de reflexão sobre o processo pedagógico e todos os desafios e prazeres que ensinar - apropriar e construir conhecimentos - implica em suas relações com o contexto escolar, social, cultural, político, dentre outros. Dessa forma, o estágio é importante, uma vez, que insere o aluno no contexto escolar, possibilitando ampliação na compreensão dos processos educacionais e sua repercussão na formação e na vida dos alunos. A atividade de estágio no curso de Ciências Biológicas da UFLA consta de duas partes, uma efetuada em escolas de Ensino Fundamental e Médio de Lavras e a outra realizada na Universidade, com alunos e alunas, em espaços para discussão debates a partir do vivenciado nos estágios. Os dados foram coletados durante o Estágio Supervisionado em Ensino de Ciências e Biologia na Universidade Federal de Lavras (UFLA), oferecido aos alunos do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, por quatro semestres, análise esta realizada a partir da experiência vivida como estagiário, em cada uma das etapas e também através de questionário realizado com todos estagiários (das 4 turmas) no semestre 2019/2. O trabalho procurou analisar as respostas dos estagiários, através de categorização e posteriormente discutir cada categoria. Pudemos perceber que houve um maior número de estagiários que perceberam algum tipo de enturmação em relação aos que disseram não ter encontrado nenhum tipo de enturmação, além daqueles estagiários que não conseguiram afirmar se no local onde realizaram seus estágios havia tal organização. Foram encontrados cinco tipos de categorias relatadas pelos estagiários, onde as categorias variam muito em questão de quantidade de relato, as de maior frequência foram a enturmação por disciplina e nível de aprendizado. Essa questão é muito importante devido ao fato de interferir diretamente no aprendizado e rendimento do aluno dentro de sala de aula.

Palavras-chave: enturmação, escola básica, formação de professores, estágio supervisionado

ABSTRACT

The supervised internship, it was analyzed how the composition of classes / classrooms occurs, trying to understand what criteria schools use for this organization and their justifications. That said the Supervised Internship provides teachers in training with an understanding of the teaching-learning process, not only as a practical experience in the lives of students, as is usually understood, but also an opportunity to reflect on the pedagogical process and all the challenges and pleasures that teaching - appropriating and building knowledge - implies its relations with the school, social, cultural, political context, among others. Thus, the internship is important, since it inserts the student in the school context, allowing for an expansion in the understanding of educational processes and their repercussion on the training and life of students. The internship activity in the Biological Sciences course at UFLA consists of two parts, one carried out in elementary and high schools in Lavras and the other carried out at the University, with students, in spaces for discussion and debates based on what was experienced in the internships. The data were collected during the Supervised Internship in Science and Biology Teaching at the Federal University of Lavras (UFLA), offered to students of the Biological Sciences Degree course, for four semesters, an analysis carried out from the experience lived as an intern, in each stage and also through a questionnaire carried out with all interns (of the 4 classes) in the semester 2019/2. The work sought to analyze the responses of the interns, through categorization and later discuss each category. We could see that there was a greater number of trainees who perceived some type of training in relation to those who said they had not found any type of training, in addition to those trainees who were unable to state whether in the place where they did their training there was such an organization. Five types of categories were found reported by the interns, where the categories vary a lot in terms of the amount of reports, the most frequent ones were the understanding by discipline and level of learning. This question is very important since it directly interferes with the student's learning and performance in the classroom.

Keyword: training, basic school, teacher training, supervised internship

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	13
2.1. EDUCAÇÃO, ESCOLA E FORMAÇÃO DOCENTE.....	13
2.2. O ESTÁGIO SUPERVISIONADO E A PESQUISA	18
2.2.1. O PROCESSO DE ENTURMAÇÃO	20
3. METODOLOGIA	22
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	27
UNIDADE 1 A COMPOSIÇÃO DAS TURMAS COMO UM DOS POSSÍVEIS	
MEIOS DE PRODUÇÃO/REPRODUÇÃO DAS	
DESIGUALDADES.....	27
UNIDADE 2 COMPREENDENDO OS TIPOS DE CRITERIOS DE	
ENTURMAÇÃO.....	32
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFERENCIAS.....	41

INTRODUÇÃO

O Estágio Supervisionado quando realizado aliado à pesquisa, proporciona aos professores em formação uma compreensão do processo ensino-aprendizagem, não sendo apenas uma experiência prática na vida dos alunos, como costumeiramente é compreendido, mas também uma oportunidade de reflexão sobre o processo pedagógico e todos os desafios e prazeres que ensinar, apropriar e construir conhecimentos implica em suas relações com o contexto escolar, social, cultural, político, dentre outros. Dessa forma, o Estágio é de extrema importância para o currículo e formação dos futuros docentes, podendo promover oportunidades de realização de atividades, diversas vivências e conhecimentos, possibilitados por meio de análises e discussões coletivas. Ele possibilita ampliar e aprofundar a integração dos conhecimentos teóricos e das práticas pedagógicas, desenvolvendo análises crítico-reflexivas sobre a atuação do professor, seus métodos colocados num contexto real (PIMENTA, 2006).

O Estágio é um importante momento para realização de atividades que contribuem para o futuro professor compreender o sistema educacional em sua totalidade e não se concentrar somente na observação e regência de aulas e análises do Plano Político Pedagógico (PPP) (VEIGA, 2000), uma vez que o Estágio, em geral, é o primeiro contato do graduando com a sala de aula na perspectiva da docência, experiência está necessária para que ele tenha uma dimensão dos desafios e retribuições do ato de ser professor. O aluno possui diversas oportunidades, como se apropriar das observações feitas durante o estágio e utilizá-las para compreender as peculiaridades que permeiam o processo de ensino aprendizagem.

Ainda segundo a autora, o estágio permite desenvolver diversas percepções como: observar, registrar, planejar, construir uma atividade, identificar as dificuldades dentro de cada contexto, permitindo que o licenciando possa aproveitar este espaço para utilizar o mesmo como objeto de pesquisa. Mas para que isso ocorra é necessário que essas percepções da atividade sejam antes avaliadas, discutidas e pensadas, para que assim o estágio possa de fato contribuir para a formação do professor e até mesmo para a transformação da escola.

Diante disso, sempre tive interesse pela área de Ciências e Biologia, e quando tive a chance de ingressar numa faculdade, me dediquei e passei na prova para fazer o curso de Ciências Biológicas licenciatura plena na Universidade Federal de Lavras. Com o decorrer do curso, interessei-me pela área da educação, e quando comecei a realizar os estágios, uma das

coisas que mais me chamava a atenção era como os alunos eram distribuídos dentro das salas de aulas. Contudo, isso ficou mais evidente a partir do momento que comecei a participar do programa de Residência Pedagógica, onde passava mais tempo dentro da escola. Com isso, a partir da professora orientadora surgiu a iniciativa de pesquisar sobre o processo de enturmação que ocorria nas escolas.

Muitas foram as questões percebidas e discutidas a partir da vicência do estágio, mas uma das peculiaridades observadas durante minha experiência, e que era tema recorrente de nossas reuniões de estágio foi o processo de enturmação realizado pelas escolas. Onde percebemos que as questões mais discutidas eram a diferença entre as turmas, o número de alunos por turmas, o desempenho entre as turmas da mesma série entre outras. Foram analisados as escolas onde os estagiários fizeram os estágios, onde os alunos apresentava uma faixa etária de 12 a 17 anos. Segundo Maxwell (2007), a Secretária de Educação do Estado de Minas Gerais não possui uma orientação específica para as escolas relacionada à organização das turmas. No anexo IV da Resolução n. 46613 de 19 de dezembro de 2003, define os critérios para composição de turmas e definição do número de cargos nas Escolas Estaduais, além de estabelecer para o ciclo complementar de alfabetização do Ensino Fundamental, 30 alunos em cada sala de aula.

O Decreto-Lei n.º 75/2008, de 22 de abril, que aprova o regime de autonomia, administração e gestão dos estabelecimentos públicos da educação pré-escolar e dos ensinos básico e secundário, determina no artigo 20.º que é competência do diretor da escola, superintender na constituição de turmas e no artigo 58.º a atribuição de competências, nos contratos de autonomia, permite a adoção, pelo órgão de administração e gestão da escola, de normas próprias para a constituição de turmas.

O processo de enturmação é compreendido como a inserção do aluno na turma, estabelecido pela direção da escola através de critérios. Esse processo de acordo com Bressoux (2011) aponta que o efeito da enturmação juntamente com o efeito do professor têm relação com o aprendizado dos alunos.

Segundo Vygotsky (1989) o aluno aprende através das interações com a sociedade. O autor salienta que as possibilidades que o ambiente proporciona ao indivíduo são fundamentais para que este se constitua como sujeito lúcido e consciente, capaz, por sua vez, de alterar as circunstâncias em que vive.

Nesta medida, o acesso a instrumentos físicos ou simbólicos desenvolvidos em gerações precedentes é fundamental. Ao nascer, as situações vividas vão permitindo, no

universo da vida humana, interações sociais com parceiros mais experientes, adultos ou companheiros de mesma idade que orientam o desenvolvimento do pensamento e o próprio comportamento da criança. Segundo Martins (2005) nesse processo de intermediação onde a linguagem, principal instrumento simbólico de representação da realidade, desempenha papel fundamental, postula-se a transformação das funções psicológicas elementares em superiores.

Para Vygotsky (2000), a história da sociedade e o desenvolvimento do homem estão totalmente conectados, de maneira que não seria possível separá-los. A forma como os adultos tentam transmitir para as crianças os seus modos, seus pensamentos, suas experiências e sua cultura, demonstram que desde certa idade as crianças mantêm constante interação com os adultos, em consequência disso os processos cognitivos e psicológicos mais complexos vão tomando forma, a principio eles se manifestam na esfera interpsíquica, ou seja, partilhados no contato com os adultos ou com as outras pessoas e por meio das interposições educativas esses processos são internalizados e se tornam parte das propriedades intrapsíquicas do indivíduo.

Embasados neste pressuposto, juntamente com as idéias do autor consideramos que a enturmação deveria promover uma heterogeneidade entre os alunos, possibilitando estes contatos e trocas sociais entre sujeitos em diferentes etapas e níveis de conhecimento e de comportamento. O resultado obtido no estudo de Leo e Cruz (2016) indicou que apesar das redes Estaduais e Municipais utilizarem amplamente o critério de formação das turmas pela Homogeneidade foi através do critério de Heterogeneidade que as melhores notas foram obtidas.

Considerando estas preocupações, definimos como problema de pesquisa: Como são organizadas as turmas nas escolas públicas da cidade de Lavras frequentadas por estagiários de Ciências e Biologia, quais os critérios para tal enturmação?

OBJETIVO

Realizar uma análise da enturmação nas escolas acessadas, associando a experiência e as observações dos estágios, à análise do questionário respondido pelos estagiários, de forma a trazer reflexões sobre o assunto tanto voltado à formação de professores como, quem sabe, contribuir para a reflexão pelas próprias instituições sobre as práticas adotadas. Para tanto, levou-se em consideração tanto os momentos vivenciados na escola, as percepções dos estagiários, bem como os momentos de reflexão pessoal e coletiva na Universidade, oportunidades importantes na formação de professores e na compreensão do processo

educativo.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1- EDUCAÇÃO, ESCOLA E FORMAÇÃO DOCENTE

A educação é um fenômeno próprio dos seres humanos, que diferente dos outros animais, transforma a natureza intencionalmente. Este feito é realizado através do trabalho, e através dele, surge a cultura: hábitos, ações ou atividades aprendidas de forma social, cultuada e passada para gerações seguintes. A educação, nesse sentido, é uma forma de trabalho não-material, na qual a produção e o consumo acontecem simultaneamente. Saviani aborda essa temática em seu texto “A natureza e especificidade da educação”, em que o homem necessita continuamente produzir sua própria existência, não se adaptando à natureza, mas adaptando a natureza a si, ou seja, a transformando (SAVIANI, 2015).

O processo educativo está sempre inserido em um contexto sócio-histórico, tem intencionalidade e propósito, mesmo que não esteja explícito. Seguindo esta linha de pensamento, reiterado pela estudiosa Pimenta, “a educação é fruto das relações sociais humanas e tem como objetivo a humanização” (1995, p.61).

Pensar o trabalho educativo é reconhecer os elementos culturais construídos historicamente pela humanidade e dessa forma enxergar caminhos para que cada indivíduo possa realizar esse processo de forma individual e coletiva no âmbito escolar (Saviani, 1992). Pensar em uma educação que mantenha, sustente ou que oculte as injustiças sociais, econômicas e ambientais está mais próximo de um processo de alienação do que qualquer função crítica e de superação de paradigmas que uma educação emancipadora se propõe a realizar. Portanto é necessário que a educação transgrida as fronteiras que fecham cada estudante numa abordagem do aprendizado como uma linha de produção (Hooks, 2013, p.25).

As instituições escolares estão inseridas nas sociedades, e da mesma forma como são determinadas por esta sociedade, assim, elas têm um papel ativo na construção e desconstrução da mesma.

O documentário “Human”, de 2015, do francês Yann Arthus, é um exemplo que deixa claro que somos construídos socialmente. Ele possui o relato de diversas pessoas através do mundo sobre questões que em alguma perspectiva estão associadas à nossa história enquanto humanos. Temas como amor, guerra, armas, felicidade, morte, até mesmo nosso sentimento e relação com a terra são abordadas pelo documentário. É interessante perceber que independente do lugar, da etnia, do gênero ou da idade do indivíduo, o relato quase sempre

mostra que aquele indivíduo pensa daquela forma, influenciado pela forma como foi criado ou por ter passado por uma situação específica.

Diante dessa questão de construção social, nos deparamos com a Escola que é uma instituição que tem o papel de socialização do conhecimento. Segundo Saviani (2015), do grego temos três tipos de conhecimento: Doxa (opinião), Sofia (sabedoria), episteme (ciência). Ele discute como é importante se ter na escola atividades secundárias, como semanas culturais, dia das mães, dia do índio, dentre outros, porém que a escola não pode perder o seu foco principal, que é a apropriação do conhecimento produzido pela ciência. A exigência de apropriação do conhecimento científico sistematizado é que torna necessária a existência da escola e não para apropriação do conhecimento de senso comum, este sempre foi passado de geração em geração pelas próprias famílias. E é a partir desse saber sistematizado que se estrutura o currículo da escola, contendo o conjunto das atividades nucleares desenvolvidas pela escola.

A Escola não está dissociada de forma alguma da construção social dos indivíduos, mas é por meio dela que são apresentados conhecimentos às crianças que dificilmente seriam conhecidos em seu cotidiano, especialmente quando a sua inserção se dá num contexto de pobreza, miséria, alienação. Tendo em vista o papel da Escola, é completamente compreensível que a mesma passe por algumas situações que pareçam dificultar essa socialização do saber sistematizado.

É na escola que o indivíduo de uma sociedade se apropria dos saberes básicos e essenciais para a sua integração e participação nessa sociedade, pois ela atua como um espaço para aproximação e compreensão da ciência e do saber elaborado, que deve ser permeado pela cultura de cada aluno, os quais todos devem ter acesso, pois a não apropriação do conhecimento pode ser usado para dominação do indivíduo (SAVIANI, 2011).

Para o autor a escola deve ensinar ao aluno o saber clássico. Para Saviani (2008), clássico é aquilo que resistiu ao tempo, tendo uma validade que extrapola o momento que foi formulado. Permanecendo, como as questões nucleares que dizem respeito à própria história do homem como ser constituído culturalmente.

A noção de clássico é um importante critério para guiar a seleção dos conhecimentos artísticos, filosóficos e científicos que devem ser abordados na escola. Trata-se de priorizar os conhecimentos que carregam a universalidade humana. Referimo-nos aos conhecimentos que possibilitam a relação entre os seres humanos e a totalidade da cultura, servindo de referência para que as novas gerações se apropriem do que foi produzido ao longo da história social. (GAMA E DUARTE, 2017 p. 3)

Portanto, é de extrema importância que o professor ensine para seus alunos o saber clássico para que os mesmos consigam ter mais facilidade para liberdade e autonomia, rompendo assim com o modelo atual de educação, que segundo Silva (2004), funciona de acordo com a ideologia empresarial, centrada na eficiência e na produtividade (CASSIN, 2009).

Como meio de sistematizar de forma pedagógica os saberes, segundo Saviani (2000), existe o currículo que é entendido como o conjunto das atividades nucleares produzidas na escola, e este deve ser diferenciado, de acordo com o contexto de cada escola e devido ao caráter multicultural que compõem a sociedade, reafirmando de certo modo a desigualdade e a dominação (MCLAREN, 2000). Diante disso, é necessário que, apesar das diferenças, o clássico e universal façam parte do conhecimento de todos, mesmo que para ensiná-los tomemos como ponto de partida a realidade de cada um. Assim, não estaríamos negando a existência das diferenças, mas também não reforçaríamos cada vez mais sua existência.

Para isso, é necessário também compreender a importância, de se oferecer a todos o direito de educação, como forma de inclusão do conhecimento, já que este pode proporcionar ao indivíduo uma maior compreensão do meio em que vive e assim ter consciência de seus atos e de seu papel.

Para tornar possível a participação da comunidade nas atividades escolares, o currículo apresenta atividades extracurriculares que tem o papel de “formação cultural”, proporcionando atividades do tipo arte, cultura, música, dança, entre outras. Mas há também a formulação do próprio Projeto Político Pedagógico, por meio do qual a comunidade pode participar de maneira ativa das decisões escolares que implicam seus filhos.

Além do saber sistematizado, a escola precisa se preocupar com a forma como irá construir esse conhecimento e fazer com que ele seja assimilado. Neste ponto, Saviani (1992) concorda com a crítica que a Escola Nova faz ao ensino tradicional que transmitia os conteúdos mecanicamente, mas também faz uma crítica a esta por generalizar como mecânica toda forma de transmissão de conhecimento e o automatismo como perda de liberdade.

Ao se discutir o ensino aprendizagem, é sempre bom ressaltar a importância do papel do professor e o modelo educacional hegemônico que é baseado no ensino tradicional que segundo Libâneo (2011), é comum o aluno decorar o que o professor fala, memorizar a matéria e mecanizar fórmulas. Dessa forma, o educando não consegue se apropriar, de fato, do que é ensinado e isso o impede de compreender o mundo em sua totalidade. O autor ainda ressalta que esse modelo de ensino não possibilita a aprendizagem sólida, pois a educação não

atua de forma ativa em seu processo de ensino e aprendizagem.

O autor ainda discorre sobre o professor-facilitador que apesar do esforço no processo de aprendizagem dos educandos, sua prática se modifica apenas no âmbito das técnicas de ensino e, assim, se mantém o empobrecimento da aprendizagem, já que os educandos não conseguem formar conceitos, não aprender a pensar com autonomia e sua prática continua pouco reflexiva. Diante disso, fica evidente a necessidade de superar esse modelo educacional, que tem mostrado deficiências na formação dos educandos para a cidadania.

Nesse sentido, é necessário formar professores reflexivos, onde eles podem refletir e criticar sua praxis, melhorando assim, sua docência e inovando sua metodologia de ensino. Pra Pimenta (2010) “o professor reflexor faz-se necessário para poder despertar o senso crítico e reflexivo do aluno”. Uma vez, que o aluno nesse processo se torna ativo durante as aulas e o professor passa a ser um mediador do conhecimento.

A escola quando reproduz estas características presentes no ensino tradicional, deixa de ser um espaço de descobertas e passa a ser um local inflexível e com lógica puramente de mercado (DE ALMEIDA, 2012). Cabe aos futuros profissionais da educação, em trabalho coletivo, lutar para romper com esse paradigma de produção para que a educação passe a ser reflexiva e desta forma, livre.

Haidt (2005), aponta que a educação, com o passar dos anos assume dois caminhos, a educação social e individual. Neste sentido, Sant'Anna e Menególia (2002) completam afirmando que o ato de ensinar implica um diálogo recíproco entre o aluno e professor, rompendo assim com a educação como uma ação extencionista, onde o professor contem todo o conhecimento e técnicas e apenas o repassa para os alunos.

Zóbol (2004), aponta que para a formação de cidadãos atuantes no processo de construção do conhecimento a aprendizagem deve ser feita relacionando os conteúdos com o cotidiano do aluno, para que o mesmo possa incorporar o conhecimento aprendido no seu dia a dia, e para que os alunos possam se compreender como parte do processo de ensino, atuando como agentes participativos, propondo reflexões e transformações no meio em que se está inserido.

Neste sentido, Vasconcelos (2007, p. 58) complementa dizendo que: “No processo de ensino-aprendizagem, não basta apenas o contato com a informação para que ela ganhe sentido, para isso, ela deve ser organizada, situada, criticada e relacionada”.

Para isso, a formação inicial de professores precisa ser repensada. É necessário que essa formação contemple as especificidades disciplinares e os saberes pedagógicos. Só assim,

os docentes conseguirão, de forma efetiva, auxiliar na formação de seus educandos enquanto agentes transformadores. No entanto, o que se vê hoje, nos cursos de licenciaturas, assim como aponta Gatti (2009), é que os futuros docentes, ainda estão sendo formados numa perspectiva do início do século passado, onde a “formação disciplinar/formação docente” se mantém, de certa forma, separadas. Diante disso, é fundamental que haja uma aproximação entre esses diferentes saberes, pois, assim como afirma Libânio (2015) se complementam, além de estarem atrelados.

Marcelo Garcia (1999, p.26) destaca “a importância dos processos de formação docente, de modo que garanta que os professores possam adquirir e aperfeiçoar seus conhecimentos e habilidades, possibilitando a melhoria da educação que os alunos recebem”. Sendo assim, o estágio é uma oportunidade importante para o aperfeiçoamento e imersão no ambiente escolar e na rotina de trabalho do professor. Como tal, possibilita ao futuro professor refletir e criticar a educação do Brasil, a fim de buscar melhoras para o processo de ensino e aprendizagem.

1.2 O ESTÁGIO SUPERVISIONADO E A PESQUISA

Os estágios oferecem uma inserção na realidade da docência podendo vivenciar situações do processo de ensino e aprendizagem. Além disso, permitem que o estagiário tenha um olhar crítico em relação à importância da escola em sua construção pessoal, acadêmica e profissional, estabelecendo a própria noção de cidadania (PELOZO, 2007; CASTRO; SALVA, 2012).

Nesta perspectiva, a realização de pesquisas durante o desenvolvimento do estágio supervisionado, também se faz um elemento essencial na formação de professores, promovendo uma reflexão efetiva e ancorada na prática pedagógica. Mas, para que esta relação seja concreta, é necessário espírito investigativo, rigor teórico e, sobretudo, disposição pessoal. O estágio pode, portanto, estar relacionado ao processo de elaboração de pesquisas a fim de possibilitar melhor compreensão da realidade escolar, como por exemplo da heterogeneidade das salas de aula, bem como a relação entre escola, pais e comunidade (ANDRÉ, 2012).

A importância pessoal de uma pesquisa está ancorada no significado que esta possui para o pesquisador. A trajetória do pesquisador pode muito se relacionar com o que será abordado em suas análises. Paulo Freire retrata isso como “amorosidade”, em que o ato de

amor está em comprometer-se com a causa. Gostar daquilo que se faz é de extrema importância para uma pesquisa ser realizada com êxito (PADILHA, 2008).

Com a amorosidade, tem-se o compromisso de promover senso de solidariedade e interação, além de levar o discente a gostar de aprender, pesquisar, estudar e incentivar sua curiosidade a fim de dotá-lo de autonomia intelectual, bem como definir suas prioridades. A pesquisa em educação pode promover maior interação entre professor e estudante, possibilitando compreensões mais profundas existentes nas relações que ocorrem nas instituições escolares (MITRE et al., 2008).

A realização de pesquisas durante os estágios pode promover o estreitamento das relações entre escola e universidade, gerando possíveis melhorias na infraestrutura escolar e também para a formação continuada de professores, a qual está fortemente relacionada com a qualidade da educação (DE OLIVEIRA; CUNHA, 2006). Esta situação está associada com a relevância social que uma pesquisa pode proporcionar, pois pode gerir desenvolvimento social a partir da melhoria das condições do ensino (FREITAS, 2008).

As condições de ensino são definidas por múltiplos fatores. O ensino público gratuito e de qualidade é uma luta contínua dos educadores, perpassando todas as esferas sociais e culturais (LIBÂNEO, 2012). As causas que levam o Brasil a ser reconhecido por possuir uma educação precária estão intrinsecamente relacionadas com fatores históricos de desvalorização da educação, seja pelos profissionais ou pelo caráter superficial de tratar a formação cidadã, além da extrema desigualdade social e racial presente no país (SOARES, 2003).

Castro (2000), considera que a qualidade da educação se ancora no processo de formação de professores. E, em razão de não ocorrer uma formação continuada, estes profissionais demonstram dificuldades na abordagem de diferentes metodologias de ensino e no que se refere à transposição didática, ou seja, fazer com que determinado conteúdo seja entendido de forma simples e clara pelo estudante. Além disso, muitas vezes não são oferecidas condições necessárias para o ensino e, desta forma, o professor passa a não ter uma compreensão holística de todos os fatores envolvidos no funcionamento escolar: relações entre escola, comunidade e família.

A má remuneração no ensino básico também é um dos fatores que fazem com que a tarefa de ensinar se torne ainda mais desafiadora (ARAÚJO; VIANNA 2008). As escolas de periferia muitas vezes não apresentam condições ideais para suportar a grande quantidade de estudantes. Além disso, é característico a ocorrência de degradação das condições de funcionamento das escolas, más condições de trabalho e carreira (ALVES; PINTO, 2011).

Para Castoldi e Polinarsk (2009), na prática pedagógica é preciso ocorrer integração da universidade e sociedade, resultando em melhor compreensão e possíveis melhorias nas instituições escolares. Portanto, é fundamental que o estagiário tenha uma visão crítica perante os obstáculos e dificuldades que ocorrem dentro das escolas brasileiras, buscando sempre melhorias no ensino.

Portanto, na construção de uma pesquisa, faz-se necessária uma breve exposição sobre a relevância da sua proposta, afinal toda pesquisa científica deveria ser empreendimento social. A relevância é ressaltada em sua justificativa e aborda os aspectos pessoais, sociais e acadêmicos sobre a contribuição do que será pesquisado. A partir disso é possível propor mudanças no ambiente educacional, promovendo melhorias na relação entre funcionários e estudantes e no funcionamento escolar (ALVES, 2013).

A partir da divulgação das pesquisas, estas podem conter relevância acadêmico-científica, o que está relacionada à contribuição e utilidade do trabalho para a comunidade acadêmica, como se fosse um preenchimento das “lacunas” no processo de construção do conhecimento sobre o tema. Somente com a divulgação e sua reflexão que a pesquisa pode se converter em ação (ANDRÉ, 2001). Sendo assim, esta “ação” também está relacionada à relevância social, contribuindo de alguma forma para a melhoria da sociedade ou ambiente escolar.

A pesquisa possibilitou um olhar mais crítico e atencioso para questões escolares, especialmente a questão da enturmação, o que pode promover futuros benefícios, estreitando as relações entre estas escolas e a Universidade Federal de Lavras-UFLA, com o intuito de buscar soluções para a questão em si. A “ação” pode não ser imediata, mas primeiramente e principalmente contribuiu com o seu *processo*, no sentido da formação dos futuros professores, desenvolvendo seu espírito investigativo em busca de melhorias no processo de ensino-aprendizagem.

1.3 O PROCESSO DE ENTURMAÇÃO

A enturmação é um processo que precisa ser entendido e estudado com precisão, pois envolve vários aspectos que podem influenciar diretamente o aprendizado do aluno. No Brasil, a legislação federal não cuida de orientações relacionadas à composição de turmas. Tais medidas são, geralmente, instituídas pelos sistemas públicos municipais e estaduais.

Pesquisas contemporâneas como a de Alves e Soares (2007), mostram que os critérios de formação de turmas podem contribuir para que as pequenas diferenças entre os alunos se

transformem em grandes diferenças entre os grupos e acirrem a estratificação escolar de uma forma mais ampla. As escolas também exercem influência neste processo quando as suas políticas e práticas pedagógicas podem estruturar tais desigualdades no âmbito escolar, conforme salientam Alves e Soares (2007, p.53):

Os ganhos dos alunos refletem a interação entre a competência intelectual e o ambiente contextual das salas de aula, mais do que o da escola. Mas, sem dúvida, a decisão política sobre a forma de agrupamento dos alunos reflete as práticas pedagógicas da escola.

Carrano (2005) discorre que a composição de turmas expressa diferença nas estruturas política, econômica, social e cultural do mundo e da sociedade brasileira e enfatiza a importância do reconhecimento das múltiplas identidades do alunado para a comunicação nos espaços escolares. De acordo com o autor, impõe-se à escola o desafio de lidar com as barreiras materiais e simbólicas, construídas ao longo da história e que, em última instância, são as principais responsáveis pelas interferências na comunicação entre os alunos e profissionais da educação.

Esse processo pode acarretar em mudanças significativas no processo de ensino aprendizagem. Uma vez que pode gerar turmas homogêneas e contribuir para o aumento da desigualdade social e consequentemente o mal rendimento. Uma vez, que essas turmas por apresentarem alunos bem próximos em nível de aprendizagem e disciplinas e por serem selecionados por critérios que proporcionem aos mesmos essa enturmação, acabam sendo separados do restante dos alunos, formando assim, um grupo minoritário e homogêneo, acabando por interferir na troca de conhecimento e no aprender com o próximo. Devido ao fato de todos estarem no mesmo nível de aprendizado.

É importante discutir as consequências para as escolas do impacto das turmas no desempenho dos alunos. O efeito do contexto das salas de aula é um dos temas privilegiados na pesquisa sobre o efeito-escola, porque em geral há muito maior variação no nível das salas de aula do que no nível das escolas. As diferenças entre as turmas podem ter relação com o número de alunos, com o conteúdo curricular ou com os critérios para a composição do grupo (por nível de conhecimento acadêmico, origem social ou por outros fatores), bem como as características dos professores (formação, experiência, habilidade etc.). Mas são as variáveis associadas à estrutura social da sala de aula, resultantes dos critérios adotados pela escola ou pelo sistema educacional para formar as turmas, as que mais explicam a variabilidade entre as turmas. (CREMMERS e JONAG, 2002; HALLINAN, 1994; LAMB e FULLANTON, 2002 apud ALVES e SOARES, 2009, p.46)

Como vemos não há uma orientação específica para as escolas relacionada à composição de turmas. Estas são organizadas, na maioria dos casos, a partir de critérios

estabelecidos pela direção e corpo docente. Devido a isso, verificar os critérios utilizados auxilia na revelação das diferentes formas com que as escolas lidam com a desigualdade social e enfrenta ou a retroalimenta.

Afinal, a enturmação dos alunos é decidida e mantida pelo que acontece nos processos rotineiros da escola. Imersos na escola percebemos que esta é marcada pela diferença, atravessada por processos coletivos que colocam em questão a relação entre teoria e prática (MARASSI, 2010).

Diante de tudo até aqui apresentado observamos que a formação das turmas apresenta relativa importância no desempenho dos alunos e, conseqüentemente na promoção ou não das disparidades entre eles. Cabe a nós então analisarmos os critérios utilizados na composição das turmas e seus possíveis impactos.

Conforme visto, não existem normas rígidas e constitucionalmente postas ao que se refere à organização das turmas em nosso país. Diante disso, esse trabalho busca compreender quais são os critérios mais utilizados pelas escolas estaduais para a composição de suas turmas, buscando, entender como isso pode interferir no ensino aprendido, além de analisar alguns fatores que também podem estar relacionados ao mal desempenho do ensino aprendizagem.

2. METODOLOGIA

Para a construção desse trabalho foi utilizada a metodologia de pesquisa qualitativa, que proporciona uma compreensão mais abrangente da realidade, uma vez que se preocupa em analisar e interpretar os focos de estudo e não apenas em descrevê-los. A análise desses conteúdos, levando em consideração o contexto de sua inserção política, econômica e cultural, permite a produção de ideias críticas e transformadoras (TOZONI-REIS, 2007). Reforçando essa ideia, Maanen (1979, p. 520) destaca:

A expressão "pesquisa qualitativa" assume diferentes significados no campo das ciências sociais. Compreende um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam a descrever e a decodificar os componentes de um sistema complexo de significados. Tem por objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social; trata-se de reduzir a distância entre indicar e indicado, entre teoria e dados, entre contexto e ação.

Atualmente a pesquisa qualitativa é largamente utilizada como referência teórico-metodológica nos estudos em educação (SEVERINO, 2007), mas nem sempre foi assim.

Segundo Godoy (1995), os estudos qualitativos tiveram início através do contexto da investigação social, na metade do século XIX.

Frederic Le Play (1806-1882), sociólogo publicou em 1855 uma das primeiras pesquisas que se utilizou de observações para compreender a realidade. Le Play viajou por toda Europa e desenvolveu uma sequência de monografias sobre famílias "típicas" da classe trabalhadora da Europa.

A abordagem qualitativa que conhecemos hoje, teve sua primeira obra pública por Sidney (1859-1947) e Beatrice (1858-1943) que desenvolveram estudos sociais e políticos, valorizando as entrevistas, documentos e observações pessoais para realizar a pesquisa, onde buscam compreender a cultura a partir do ponto de vista dos seus membros, explorando assim estudos de caráter descritivo. Dentre os antropólogos esta abordagem teve grande aceitação, por outro lado durante muito tempo, entre os sociólogos esta mesma abordagem foi muitas vezes ignorada, uma vez que os sociólogos partiram de Durkheim que se utiliza de métodos estatísticos para análise e organização de dados (GODOY, 1995).

O autor discute que a partir dos anos 60, a pesquisa qualitativa ganhou através de publicações (livros, artigos e revistas) uma inserção em outras áreas além da sociologia e antropologia.

Há diversos tipos de investigação apoiados em diferentes orientações metodológicas e teóricas da pesquisa qualitativa, embora haja essa complexidade e diversidade de enfoques existem alguns aspectos que caracterizam a essência da pesquisa qualitativa, neste sentido nesta mesma perspectiva Bodgan e Biklen (1994) também defendem a utilização da pesquisa qualitativa e complementam apontando cinco aspectos básicos para se definir esta metodologia, não sendo necessário possuir as cinco características. Segundo os autores para se definir como pesquisa qualitativa é necessário a utilização de pelo menos uma destas características, sendo elas:

- a fonte direta dos dados é o ambiente natural, dessa forma, o investigador é o instrumento principal. Os pesquisadores gastam grandes quantidades de tempo em escolas, com famílias, em bairros, entre outros locais, buscando compreender questões educativas. Os dados são obtidos de diversas maneiras, por meio de áudio, vídeo ou anotações. Os investigadores têm a consciência de que o comportamento humano é influenciado pelo contexto. Dessa forma, sempre que possível, deslocam-se ao local do estudo;
- os dados recolhidos são descritivos. O investigador analisa-os de forma minuciosa, preocupando-se com os detalhes. As transcrições de entrevistas, as fotografias, as anotações, os vídeos e os documentos fazem parte dos dados obtidos. O pesquisador busca analisar esses dados em toda sua complexidade, respeitando ao máximo a forma como foram registrados ou transcritos;

- o interesse maior na pesquisa está no processo e não no resultado. Importantes questões são explicitadas no decorrer da investigação, sendo elas fundamentais para a pesquisa;
- há tendência em analisar os dados de forma indutiva. Os conceitos são construídos a partir dos dados que são recolhidos e agrupados, de forma que eles não são obtidos com o objetivo de confirmar ou não hipóteses construídas previamente;
- o significado é de suma importância nesse tipo de abordagem. Leva-se em consideração o ponto de vista do informante, atribui-se importância à interpretação, à realidade, ao contexto e à visão de mundo dos sujeitos envolvidos na pesquisa de forma mais fiel possível (Bogdan e Biklen 1994, p. 128-130).

A rigorosidade possui uma grande importância na pesquisa uma vez que pelo auxílio da mesma é possível avaliar o contexto histórico no qual o pesquisador se relaciona e se baseia, pode-se também perceber que a partir da rigorosidade os trabalhos e pesquisas são desenvolvidos com essas características que auxiliam na interpretação da realidade. Neste mesmo contexto a criatividade é tão importante quanto a rigorosidade, uma vez que é ela quem acaba “definindo” os caminhos que a pesquisa leva, pois o pesquisador diante de uma infinidade de recortes e abordagens que se depara, acaba geralmente escolhendo uma e aprofundando nela (BODGAN, 1994).

Assim como afirma Minayo (2002), a pesquisa qualitativa envolve todo o problema de pesquisa, levando em conta todas as suas dimensões. Considerando que a abordagem qualitativa, enquanto exercício de pesquisa, não se apresenta como uma proposta rigidamente estruturada, ela permite que a imaginação e a criatividade levem os investigadores a propor trabalhos que explorem novos enfoques. (GODOY, 1995, p. 23)

Segundo Preti (2005 apud MARTINS; RAMOS, 2013, p. 6), “pesquisar vem da palavra latina *perquirere*, que significa buscar com cuidado, procurar por toda parte, informar-se”.

Nesse sentido, pesquisar diz respeito à capacidade de produzir conhecimento adequado à compreensão de determinada realidade, fato, fenômeno ou relação social (MEKSENAS, 2002). Ao dedicar-se ao estudo de um tema específico, o educador em formação apropria-se não somente dos conhecimentos mais aprofundados sobre determinados temas, mas também, principalmente, do processo de produção do saber. Torna-se, assim, sujeito no mundo do conhecimento (TOZONI-REIS, 2007). Dessa forma, é possível refletir o quanto o processo de desenvolver uma pesquisa desde seu início, torna-se importante na formação docente.

A pesquisa no estágio como método de formação de futuros professores, se traduz, de um lado, na mobilização de pesquisas que permitam a ampliação e

análise dos contextos onde os estágios se realizam; por outro, e em especial, se traduz na possibilidade de os estagiários desenvolverem postura e habilidades de pesquisador a partir das situações de estágio, elaborando projetos que lhes permitam ao mesmo tempo compreender e problematizar as situações que observam. Supõe que se busque novo conhecimento na relação entre as explicações existentes e os dados novos que a realidade impõe e que são percebidos na postura investigativa (PIMENTA & LIMA, 2004 p. 46).

Partindo da concepção das autoras, é possível entender que a pesquisa no estágio permite conhecer mais proximamente a realidade da escola podendo refletir e propor, em parceria com a escola, projetos para intervenção dos problemas enfrentados pela comunidade escolar, quebrando assim uma concepção conservadora do estágio como apenas uma observação passiva da escola, passando assim a utilizá-lo como uma ferramenta de observação, reflexão e transformação.

Diante disso, neste trabalho fizemos uso de algumas ferramentas de pesquisas que são empregadas no contexto da pesquisa qualitativa, como:

Questionário:

Como instrumento de coleta de dados, utilizou-se o questionário. Segundo Marconi & Lakatos (1999), o questionário tem como objetivo buscar informações por meio de perguntas, que devem ser respondidas por escrito. Os questionários são procedimentos de coleta de dados que se baseiam na forma de colher informações no discurso livre do entrevistado (CHIZOTTI, 1998).

O questionário, é um dos principais instrumentos de pesquisa que permite a obtenção de dados junto a um maior número de pessoas e economia de tempo, onde o entrevistador tem o objetivo de obter informações mais rápidas e exatas, em torno de um contexto e problematização (GIL, 1999). As informações coletadas foram registradas e posteriormente, analisadas. O questionário foi aplicado a todos os estagiários, onde os 46 estagiários responderam de forma objetiva a pergunta.

Observação participante:

A observação permite ao pesquisador ter maior contato com a realidade social e também o possibilita enxergar os sujeitos de pesquisa, como afirma Ludke e André (1986, p. 26): (...) chegar mais perto da ‘perspectiva dos sujeitos’. Na medida em que o observador acompanha in loco a vivência, as experiências diárias do sujeitos, pode tentar apreender a sua visão de mundo, isto é o significado que eles atribuem à realidade que os cerca e as suas

próprias ações.

Queiroz et al. (2007), destaca que para a utilização da técnica de observação participante é necessário que se haja um roteiro de observação, onde os objetivos da investigação estejam claros, para assim fundamentar o planejamento do desenvolvimento de estratégias, ainda neste sentido o autor complementa que a utilização deste método permite uma maior aproximação do pesquisador com o contexto, fatores estes que contribuem para um melhor entendimento do objetivo de estudo

Bardin (1997), destaca que na observação participante o pesquisador tem a oportunidade de se colocar no lugar dos observados podendo assim compreender os hábitos, atitudes e características do funcionamento do objeto ou grupo de pesquisa.

Realizei observação participante nos estagios 1 e 2 que correspondem ao semestre 2018/1 e 2018/2. A principio observação solta, mais depois de decidido sobre o assunto, esta observação passou a ser mais orientada, nos estagios 3 e 4 que correspondem aos semestres 2019/1 e 2019/2.

Análise de conteúdo e categorização:

Segundo Rocha e Deusdará (2006), a análise de conteúdo é uma organização das ideias que busca maior objetividade nas pesquisas com textos. Os autores, ainda, dizem que o objetivo da análise de conteúdos é alcançar uma “significação profunda” dos textos.

A partir dos dados coletados e de sua análise, foram elaboradas categorias. Segundo Bardin (1979), a categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e por reagrupamento, com critérios previamente definidos como uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto. As categorias ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registro) sob um título genérico. De acordo com Laville & Dionne (1999), um bom conjunto de categorias deve ser pertinentes, tão exaustivas quanto possíveis, não demasiadas, precisas e mutuamente exclusivas.

A palavra categoria refere-se, de maneira geral, a um conceito que abrange elementos com características comuns ou que se relacionam entre si e são empregadas para estabelecer classificações. A intenção ao se estabelecer categorias é a de agrupar elementos, idéias e expressões em torno de conceitos capazes de sintetizar a análise metódica dos estudos de caso selecionados. (ALVARENGA NETO, 2006, P. 71)

As falas dos alunos foram agrupadas por conterem elementos comuns existentes entre si. Diante disso, foram feitas seis categorias para a análise. A coleta ocorreu com todos os

estagiários, a partir de questionário realizado pela professora orientadora, onde todos os estagiários que compoem os diferentes níveis do estágio responderam, totalizando 43 respostas. Os alunos foram identificados por números para garantir o sigilo de sua identidade.

As escolas em que os alunos estagiaram, também foram identificadas por letras para garantir o sigilo de sua identidade.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

UNIDADE 1 - A COMPOSIÇÃO DAS TURMAS COMO UM DOS POSSÍVEIS MEIOS DE PRODUÇÃO/REPRODUÇÃO DAS DESIGUALDADES

O processo de enturmação é importante para as escolas porém, nem todas possuem critérios para formação de turmas, sendo que algumas buscam estabelecer critérios para a construção das turmas enquanto outras não. Encontramos no campo da educação um vasto debate acerca da organização das turmas e sua contribuição à eficácia escolar. Até então, principalmente após o surgimento e predomínios dos chamados grupos escolares, vivemos em uma lógica de trabalho escolar e pedagógico baseado na seriação, na enturmação por salas de aulas com níveis de conhecimento pré fixados, distribuído em diversas disciplinas que, muitas vezes não apresentam nenhuma conexão. Sob está compreensão, o ponto central do trabalho pedagógico é o conteúdo escolar e a organização central para trabalhá-lo é a sala de aula, onde alunos são enturmados, de acordo com o domínio de conteúdo que a escola julga que ele apresenta. Segundo Rodrigues:

A organização seriada presupõe que a função do ensino é repassar conhecimentos que já estão prontos e organizados em livros didáticos, por exemplo, segundo uma sequência a ser estabelecida pelo plano de aula. Esse plano busca garantir que os conteúdos só podem ser repassados e aprendidos de modo sequencial, obedecendo à precedência de cada um deles. (...) Por mais que se queira discutir o papel de formação integral do educando, toda a organização escolar acaba por submeter-se a essa tarefa de transmissora de conhecimento e habilidades (RODRIGUES, 2001: 20)

Segundo essa lógica, a escola tem como objetivo transmitir conhecimento. Seguindo uma organização de sala de aula pré estabelecida e organizada segundo seus critérios. Segundo Alves e Soares (2007), esse modelo de enturmação somente garante eficiência para aqueles alunos socialmente mais favoráveis.

Acerca deste tema Costa e Kolinski (2008), apontam a evidente existência de uma

hierarquia entre as redes escolares que corresponde a um complexo sistema de produção e alimentação de desigualdades, não apenas no âmbito escolar, mas entre as escolas, no mundo das oportunidades e, a posteriori, na estrutura ocupacional. Normalmente, as escolas privadas são compostas por alunos de melhor nível socioeconômico e as redes estaduais e municipais ocupam posições inferiores em uma escala de recursos econômicos de seus públicos.

Na verdade, o sistema oficial de ingresso na escola não garante uma distribuição neutra das crianças entre as escolas, pois, há mecanismos informais que influem na seleção e na composição do alunado.

Destas discussões temos que os fatores externos às escolas interferem na formação do alunado tanto em suas oportunidades de aprendizagem, assim como na estratificação do sistema escolar. Porém, as escolas também exercem influência neste processo quando as suas políticas e práticas pedagógicas podem estruturar tais desigualdades no âmbito escolar, conforme salientam Alves e Soares (2007, p.53):

Os ganhos dos alunos refletem a interação entre a competência intelectual e o ambiente contextual das salas de aula, mais do que o da escola. Mas, sem dúvida, a decisão política sobre a forma de agrupamento dos alunos reflete as práticas pedagógicas da escola.

Como podemos observar, a enturmação tem um papel crucial e direto na aprendizagem dos alunos. Diante disso, foi realizada uma análise baseada nas respostas dos estagiários, juntamente com observações colhidas durante os estágios, onde foi possível observar que algumas escolas públicas aderem a esse processo de enturmação enquanto outras não.

A partir da categorização das falas dos estagiários de Ciências e Biologia nas escolas de Lavras e região (escolas da rede pública e privada) foram elaboradas 3 categorias por conterem elementos em comum. Abaixo é apresentado um grupo identificando as categorias e as frequências, onde são evidenciadas as respostas dos estagiários sobre as escolas que utilizam e que não utilizam critérios para enturmação dos alunos, como podemos ver na tabela a seguir:

Categorias	Frequências
Estagiários que identificaram nas escolas meios de enturmação	23
Estagiários que não identificaram nas escolas meios de enturmação	16
Estagiários que não souberam identificar se havia meios de enturmação	7

Tabela 1: A enturmação segundo os estagiários

A primeira categoria remete aos estagiários que observaram através de seus estágios que a escola onde estagiavam apresentava algum tipo de critério para a formação de turmas, como demonstram as falas: (...) *as escolas costumam separar alunos por níveis mais próximos - os alunos mais imperativos juntos, ou mais “bagunceiros” juntos, ou alunos mais desempenhados juntos (Estág. 5); (...) Além da faixa etária, constituindo os anos do fundamental, nas turmas dos mesmos anos, os alunos eram atribuídos por terem boas notas (bons alunos), os repetentes e ainda os com dificuldades de aprendizado, constituindo turmas separadas (Estág. 6); Pelo que pude perceber, os critérios utilizados são, agrupar nas turmas A e B os melhores alunos, aqueles que tem mais interesse e participam mais das aulas, não atrapalhando o desempenho de aprendizado (Estág. 10); (...) uma vez que os ditos mais inteligentes e obedientes em grande parte, eram encontrados nas salas de letras iniciais – A e B, e as demais C, D e E, os alunos ditos mais bagunceiros, de difícil controle. A turma de letra E, são os alunos repetentes, que já levaram bomba, de idades mais avançadas e possuem algum tipo de dificuldade e enfrentamento com drogas (...) (Estág. 12); Pelo que pude constatar durante as observações na Escola (...), as turmas são criadas separando os alunos considerados “melhores” daqueles vistos como “piores”, tendo em mente o comportamento dentro da sala de aula (Estág. 29); (...) observei que as turmas são organizadas por comportamento e nota (Estág. 33).*

Podemos perceber que a maioria das escolas que utilizam algum critério para enturmação, as turmas tendem a apresentar um padrão homogêneo. Esse padrão tem como objetivo melhorar o rendimento da escola e conseqüentemente a aprovação dos alunos. A formação de classes igualitárias ou homogêneas parece estar embasada, a grosso modo, em dois aspectos centrais: o primeiro, de cunho pedagógico e o segundo, de ordem econômica. Segundo Silva (2008), a justificativa pedagógica baseia-se no pressuposto de que, quando o professor está diante de uma classe composta de alunos com níveis similares de conhecimento, ele pode mais facilmente encontrar atividades que convenham a todos, bem como estabelecer um ritmo de ensino comum ao grupo. Economicamente, a composição de classes homogêneas justifica-se pela possibilidade de um único professor ensinar vários alunos num mesmo período de tempo, de forma a alcançar resultados mais eficientes.

A partir dos estudos vygostykyanos os pressupostos Esse tipo de formação para Vygostyk (2010), não acarreta em muito potencial para o aprendizado do aluno. Onde, o aprendizado acontece quando a interação entre pessoas de níveis diferentes. Seguindo essa lógica, as escolas que apresentam uma homogeneidade de alunos, onde em apenas uma sala

encontra-se alunos considerados os melhores dos melhores, não é possível haver um acréscimo no nível de aprendizagem.

As possibilidades que o ambiente proporciona ao indivíduo são fundamentais para que este se constitua como sujeito lúcido e consciente, capaz, por sua vez, de alterar as circunstâncias em que vive. Nesta medida, o acesso a instrumentos físicos ou simbólicos desenvolvidos em gerações precedentes é fundamental (Vygotsky 2010).

Nessa perspectiva, as enturmações onde as turmas são heterogêneas pode ser uma possibilidade de melhorar o rendimento do aluno e conseqüentemente o ensino aprendido. Uma vez, que pode encontrar alunos de diferentes níveis de aprendizagem num mesmo lugar. Essa interação entre esses diferentes alunos e entre os professores podem contribuir para a apropriação do aluno dos conteúdos administrados.

Vygotsky (1993), afirma ainda que a interação social e de mediação é ponto central do processo educativo, pois para o autor, esses dois elementos estão intimamente relacionados ao processo de constituição e desenvolvimento dos sujeitos. A atuação do professor é de suma importância já que ele exerce o papel de mediador da aprendizagem do aluno. Certamente é muito importante para o aluno a qualidade de mediação exercida pelo professor, pois desse processo dependerão os avanços e as conquistas do aluno em relação à aprendizagem na escola. Esse processo de mudança não cabe somente à escola e ao professor, mas também a uma parceria com a sociedade e o estado.

A segunda categoria está representada pelos estagiários que relatam não ter encontrado nenhum critério para o processo de enturmação, como mencionado nas falas: (...) *Não há critérios evidentes mostrados pelos professores ou pela direção, observando, todas as turmas são heterogêneas de modo que são compostas por alunos de diferentes níveis de “aprendizado” e também aparentemente classes sociais e etnias raciais (Estág. 2); (...) vimos que não há um critério para a constituição das turmas, visto que todas as turmas são constituídas de vários tipos de alunos, desde os mais quietos e centrados até os mais agitados e dispersos. A faixa etária dos alunos das turmas também nos indica que não há um critério para constituição das turmas, pois todas as turmas que acompanhei da 8ª série (801, 802 e 803) possui uma faixa etária de doze (12) a dezessete (17) anos (...) (Estág. 9); (...), a escola parece não ter um critério para a constituição das turmas, visto que todas elas apresentam alunos com dificuldade e outros mais “avançados”, bem como alunos mais agitados e falantes (Estág. 11); Na escola em questão, as turmas são bem diversificadas afim de que os alunos que são considerados baixo rendimento são misturados com os de bons rendimentos,*

não havendo uma sala com apenas os de ruins rendimentos (Estág. 21); (...) a escola parece não ter um critério para a constituição das turmas, visto que todas elas apresentam alunos com dificuldade e outros mais “avançados”, bem como alunos mais agitados e falantes (Estág. 28); Conversando com a professora foi me dito que a direção junto com os professores, tentam deixar as turmas bem distribuídas, já que não é a intenção deixar uma turma ser considerada melhor que a outra (...) (Estág. 40).

Percebe-se que alguns estagiários não encontraram nenhum tipo de critério de enturmação nas respectivas escolas onde realizaram o estágio pois, nem todas as escolas utilizam critérios para formação de suas turmas. Muitos estagiários relataram que as turmas são heterogêneas. A heterogeneidade e a diversidade cultural são fatores existentes mesmo fora da escola. Sobre isto, Santos citado por Cortezão (2007), afirma que, o mundo é um “arco-íris de culturas” chamando a atenção de que a conscientização da existência das diferentes cores do arco-íris nos possibilitará uma visão mais ampla da incompletude da nossa cultura. Sendo assim, a heterogeneidade de uma turma pode ser tida como uma fonte potencial de uma riqueza e não um obstáculo à realização de atividades de ensino-aprendizagem.

Esse enriquecimento das turmas proporcionado pelas escolas que não utilizam critérios, são extremamente relevantes para o aprendizado do aluno. Para Cruz e Xavier (2017), a heterogeneidade está ligada ao sucesso da aprendizagem pelo aluno. Portanto, as turmas que apresentam alunos de diferentes etnias, condições sociais e rendimento escolar tendem a apresentar um melhor aprendizado e conseqüentemente atuam para não reproduzir a desigualdade social.

Ainda é importante ressaltar que os estagiários passam tempo limitado na escola e podem não ter observado em sua completude os processos desenvolvidos em sua gestão, tratam-se portanto de percepções a partir das vivências.

Na terceira categoria estão os estagiários que não conseguiram afirmar se havia ou não meios de enturmação, o que é possível perceber nas seguintes falas, (...), *mas não consegui entender se houve critério na escolha dos alunos que constituiriam a nova turma. (Estág. 13); Não houve nenhum momento em que pude perceber algo do tipo (...) (Estág. 15); (...) não pude identificar quais critérios eram adotados pela escola para organização/constituição das turmas (...) (Estág. 25) ; (...) não percebi nenhum critério para a organização das turmas (...) (Estág. 31) ; Não foi possível perceber como se dá a organização das turmas (...) (Estág. 35) ; Não consegui identificar critérios para organização das turmas (...) (Estág. 39) ; Não*

consegui identificar os critérios utilizados pela escola para a organização da turma (Estág. 45).

Isso, provavelmente se deve ao fato de que apenas seis meses de estágio na escola pode não ter sido tempo suficiente para a identificação e compreensão dos meios que a escola utiliza para compor as turmas de aulas.

Analisando todo esse contexto percebemos que o processo de enturmação não deve ser pensado de forma em que os alunos fiquem com níveis de aprendizado parecidos, mais sim de forma mesclada. Quando a escola organiza as turmas de forma heterogênea, dependendo do tipo de metodologia adotada pelo professor espera-se que o aluno consiga ser ativo e reflexivo durante o processo de ensino aprendizagem, embora haja outros fatores que podem atrapalhar esse processo. Todavia, devemos repensar esses passos com cautela, devido ao fato que muitos dos professores atuantes podem não ter tido uma formação voltada para trabalhar com turmas heterogêneas e nem para formar alunos reflexivos. Cabe a escola, ao estado e a sociedade criar condições para o melhoramento do processo de enturmação e formação continuada dos professores.

UNIDADE 2 - COMPREENDENDO OS TIPOS DE CRITÉRIOS DE ENTURMAÇÃO

Existem vários critérios que as escolas adotam para a composição de turmas, sempre levando em consideração durante essa escolha, fatores que o aluno apresenta. Diante de tudo até aqui apresentado, observamos que a formação das turmas apresenta relativa importância no desempenho dos alunos e, conseqüentemente na promoção ou não das disparidades entre os alunos. Cabe a nós então analisarmos os critérios utilizados na composição das turmas e seus possíveis impactos.

É geralmente dado um procedimento interno, da gestão da própria escola que surgem as chamadas turmas “boas”, “médias” (consideradas as normais) e as famosas “turmas problema”, tão comentadas pelos professores. É muito importante tentar então descobrir por qual motivo se juntam na mesma turma uma quantidade de alunos “bons” ou de alunos “maus”, mesmo que, não havendo esta intenção de agrupar estudantes com características semelhantes explicitamente.

A partir da análise das falas dos estagiários, foi feita uma categorização separando os critérios que cada escola utiliza, segundo os estagiários, para a composição de turmas. Está por vez, foi agrupada em categorias como veremos logo abaixo:

Categoria (tipos de enturmação)	Frequência	Ocorrência
Nível de aprendizagem	8	5,6,7,10,16,24,42,10
Disciplina	11	12,13,14,22,23,15,34,33,43,44,29
Interação entre alunos	2	26,47
Idade	1	27
Nível de alfabetização	1	17

Tabela 2: Tipos de enturmação identificada pelos estagiários

Os critérios de enturmação, formação de grupos homogêneos e heterogêneos nos remetem aos estudos e reflexões de Vygotsky. Este autor, ao destacar a importância das interações sociais, traz o conceito da mediação e da internalização como aspectos fundamentais para a aprendizagem, defendendo que a construção do conhecimento ocorre a partir de um intenso processo de interação entre as pessoas. Portanto, é a partir de sua inserção na cultura que a criança, através da interação social com as pessoas que a rodeiam, vai se desenvolvendo.

Nesse sentido, Vygotsky (2001) destaca a importância do outro não só no processo de construção do conhecimento, mas também de constituição do próprio sujeito e de suas formas de agir. Segundo o autor (IDEM, p. 75), o processo de internalização envolve uma série de transformações que colocam em relação o social e o individual e afirma que “todas as funções no desenvolvimento da criança aparecem duas vezes: primeiro, no nível social, e, depois no nível individual; primeiro entre pessoas e depois no interior da criança”.

Vygotsky ainda considera que a aprendizagem pode se dar na interação professor-aluno, ou até aluno-aluno, desde que um dos interactantes saiba mais do que o outro e tenha condições de facilitar o percurso do aprendiz, para que este atinja o conhecimento desejado. As categorias nos permitem identificar que algumas escolas adotam a enturmação segundo alguns critérios. Gomes (2005, p.302), relata que esse processo de separação de turma gera uma desigualdade social. Afirma ainda, que as escolas precisam ter cautela para não formar turmas homogêneas.

A questão persistente nos indica que as escolas precisam rever seus critérios de enturmação, para que os alunos não fiquem prejudicados. Uma vez, que o processo de aprendizagem acontece coletivamente. Portanto, faz-se necessário a criação de turmas

heterogêneas e com isso, uma metodologia mediadora. Onde professor passa a ser um mediador do ensino. Para Vygotsky (1994), o professor mediador é aquele que possibilita o aprendizado do aluno, potencializando o seu conhecimento prévio. Este processo dinâmico e singular só é possível mediante uma interação partilhada que inicia com o nascimento do indivíduo e continua por toda vida. Segundo Oliveira (1997, p.61), Vygotsky considera que,

As relações entre o desenvolvimento e aprendizagem, e particularmente sobre a zona de desenvolvimento proximal, estabelece forte ligação entre o processo de desenvolvimento e a relação do indivíduo com seu ambiente sócio-cultural e com sua situação de organismo que não se desenvolve plenamente sem o suporte de outros indivíduos de sua espécie.

A expressão zona de desenvolvimento real, segundo Vygotsky (1984), refere-se à capacidade da criança realizar uma atividade sozinha, um desenvolvimento já alcançado. Enquanto que a zona de desenvolvimento proximal refere-se à capacidade da criança realizar atividade com a ajuda de outros. Assim, a zona de desenvolvimento proximal refere-se às funções que estão em processo de desenvolvimento e que se tornarão funções consolidadas nas relações com o outro e nas experiências de aprendizagem.

Sendo assim, a escola ao mater as mesma turma precisa estar atenta para que não haja homogeneidade. Basedo nisso, os primeiros critérios (1, 2 e 3) refletem bem este conceito do autor.

A categoria que indica como critério de enturmação a “disciplina” foi a que teve mais relatos dos estagiários, portanto, foi o critério mais utilizados pelas escolas analisadas na composição de turmas, segundo as falas dos estagiários: (...) *os ditos mais inteligentes e obedientes em grande parte, eram encontrados nas salas de letras iniciais – A e B, e as demais C, D e E, os alunos ditos mais bagunceiros, de difícil controle. A turma de letra E, são os alunos repetentes, que já levaram bomba, de idades mais avançadas e possuem algum tipo de dificuldade e enfrentamento com drogas (...)* (Estág. 12); (...) *Assim se mostra nítido que há uma certa organização de turmas por classes em ordem alfabética mesmo que por somente critérios comportamentais sem abrangência de coeficientes de rendimento* (Estág.14); (...) *acordo com a própria professora, essas turmas são organizadas de modo que existe a sala mais “calma”, onde, segundo os professores, estão os alunos mais fáceis de trabalhar e a sala mais “agitada”, onde se encontram os estudantes que mais conversam e*

que, por esse motivo, acabam atrapalhando as aulas (**Estág. 22**); (...) a separação de turmas, onde o 9ºA é a turma que mais se dedica e é considerada a turma com os melhores alunos e o 9ºB onde é considerada a sala com os alunos “bagunceiros” que não querem estudar (...) (**Estág.23**); (...) as turmas são criadas separando os alunos considerados “melhores” daqueles vistos como “piores”, tendo em mente o comportamento dentro da sala de aula (**Estág. 29**); (...) observei que as turmas são organizadas por comportamento (**Estág. 33**); Durante o tempo que passei na escola, a princípio imaginei que todas as turmas eram divididas de acordo com o comportamento dos alunos. Mas na realidade, os alunos que faziam parte do ensino integral da escola ficavam em uma só turma em cada ano. O restante das turmas aparenta ser formada de acordo com o comportamento dos alunos (**Estág. 43**); (...) À primeira vista diria que duas das turmas acompanhadas foram organizadas aleatoriamente, enquanto em uma destas foram colocados os alunos considerados mais “problemáticos (...) (**Estág. 44**); (...) os alunos que são analfabetos funcionais compõem uma turma, os que tem maiores dificuldades comportamentais outra e por fim os que são considerados pela instituição os melhores no desempenho escolar ficam separados dos demais (**Estág. 24**); (...) as escolas costumam separar alunos por níveis mais próximos - os alunos mais imperativos juntos, ou mais “bagunceiros” juntos, ou alunos mais desempenhados juntos (**Estág. 5**).

Percebemos, que esse critério é o mais utilizado pelas escolas em questão, quando se trata de composição de turma. Porém, as escolas devem repensar esse caminho, uma vez, que isso pode levar ao mal desempenho do aluno e contribuir ainda mais para as desigualdades sociais. Segundo Garcia (2013, p. 95) a indisciplina também é capaz de induzir mudanças em ideais e práticas educacionais insatisfatórias. Para Vasconsellos (2009, p. 55) ela vem ocupando amplamente o cotidiano escolar, ultrapassando os vínculos quanto ao tipo de instituição (pública, particular ou comunitária), e também a localização geográfica (de centro ou periférica, nas capitais ou no interior, urbanas ou rurais).

Ao gerar uma separação entre os alunos bons e os alunos “problemas”, pode acarretar, na maiorias das vezes em uma insatisfação por parte dos alunos e professores a respeito da educação e conseqüentemente a um ensino aprendizagem insatisfatório.

Na segunda categoria os estagiários relataram que algumas escolas utilizaram como critério de enturmação o “nível de aprendizagem do aluno”. Podemos perceber isso, nas frases: (...) os alunos eram atribuídos por terem boas notas (bons alunos), os repetentes e ainda os com dificuldades de aprendizado, constituindo turmas separadas (**Estág. 6**); (...) Na

turma do 6^oA, era composta por alunos considerados mais aptos para sua série. De acordo com a professora, na turma do 6^o B, os alunos integrantes, em sua maioria, são aqueles que repetiram de ano ou não tem interesse nas aulas. E na turma do 6^oC, tinha um grupo de alunos com muita dificuldade de aprendizagem e tinha aqueles que não sabiam ler e escrever (...)(Estág. 7); (...) os critérios utilizados são, agrupar nas turmas A e B os melhores alunos, aqueles que tem mais interesse e participam mais das aulas, não atrapalhando o desempenho de aprendizado (Estág. 10); A partir da minha participação pude perceber que eles separam os alunos em turmas a partir do seu rendimento escolar (...) (Estág. 16); (...) houve uma separação com base no desempenho dos alunos (Estág. 42); (...) na escola onde realizei o estágio eles separem as turmas por rendimento e disciplina (...) (Estág. 34).

Nesta categoria notamos que os alunos foram divididos nas salas de aulas de acordo com sua nota e desempenho. Nesse tipo de critério percebemos uma dicotomia, gerando turmas boas e turmas ruins. Segundo Soares et al. (2001) “a separação de alunos por desempenho gera uma desigualdade social.”

Seguindo essa realidade, Barbosa e Fernandes (2001, p.155-175), “afirmam que essa desigualdade leva ao fracasso do ensino aprendizado”. Isso ocorre devido a péssima reputação que as turmas ruins apresentam dentro do ambiente escolar, onde a maioria dos professores não apresentam entusiasmo em ministrar aulas nessas turmas.

Por outro lado, há a questão dos estudantes, que são vistos como maus alunos e disinteressados, sendo necessário pensar em várias questões, tais como, “com o que se identificam ao serem classificados de maus alunos? Como vão lidar consigo mesmos e colegas e com professores? E com a vida? Essa visão que os professores têm deles influenciam no rendimento? São várias perguntas que necessitam de respostas e poderiam vir em estudos posteriores, onde estas questões poderiam ser abordadas com os próprios alunos.

Sendo assim, esse critério apenas beneficia os alunos mais bem estruturados socialmente, enquanto que os que apresentam menor prestígio na sociedade continuam a ter uma educação de baixa qualidade. Portanto, a escola precisa ficar mais atenta a essa população, e criar condições mais favoráveis para a realização da enturmação, minimizando essa desigualdade social.

A terceira categoria nos revela que o critério “interação entre alunos” também é utilizado por algumas escolas, como podemos conferir nas falas: (...) *pude perceber que a escola tende a manter as mesmas turmas ao longo dos anos, com os mesmos estudantes, para que criem um vínculo entre si ao longo dos anos (...)* (Estág. 26); *O que as professoras e*

diretora me informaram, foi que não existe critérios para formação de turmas, que muitas vezes os próprios alunos solicitam ficar em uma determinada turma, por que tem um amigo nela, ou algo do tipo (...) (Estág. 47).

Essa categoria nos mostra que a interação e amizade adquiridas pelos alunos durante todo o ano letivo é levada em consideração por algumas escolas como meio para formação de turmas. A maioria das escolas preferem manter as mesmas turmas dos períodos anteriores.

A quarta categoria nos remete ao critério “idade”, onde foi observado pelo estagiário, que a escola realizava sua enturmação baseada nisso. Isso fica evidente na frase: *O único critério utilizado é a idade, quando o aluno está muito defasado e acima de dezoito anos ele é encaminhado para o EJA, nos cursos regulares o critério também é a idade (Estág. 27).*

Organizar as turmas pelo critério de idade, provavelmente implica em que ficarão juntos, os alunos que tiveram percursos escolares semelhantes de sucesso ou insucesso. E como vimos o sucesso ou o fracasso são desigualmente distribuídos nos diferentes grupos socioculturais (BARBOZA, 2006; ALVES e SOARES, 2007; COSTA e KOLINSKI, 2008).

Na quinta categoria a escola utiliza o critério “nível de alfabetização” em alguns casos, para compor as turmas, como é mencionado na frase do estagiário: *O único critério que observei foi que no sexto ano eles colocaram todos os estudantes que chegaram na escola e eram analfabetos em uma mesma sala (...) (Estág. 17).*

Como mencionado, essa categoria nos mostra que os alunos que são analfabetos são agrupados todos na mesma sala para serem alfabetizados. Nesse primeiro contato, é necessário que haja uma turma específica, onde se encontram as pessoas que não são alfabetizadas. De acordo com Vykostyk (2001), o processo de aprendizagem acontece de acordo com o conhecimento prévio que a criança ou adulto já apresenta. Diante disso, a partir do momento em que os alunos já estiverem sabendo ler e escrever, faz-se necessário que eles ocupem turmas heterogêneas, para que possa ocorrer a troca de saberes e conseqüentemente a apropriação da aprendizagem. Portanto, a direção da escola tem que ter um olhar mais atento e cuidadoso para o processo de enturmação, buscando saber qual o momento exato para que os alunos possam ser redistribuídos nas turmas normais, para que o ensino possa ser eficiente e duradouro.

O ambiente educativo deve ser organizado de forma a propiciar um lugar mais adequado para o processo de ensino-aprendizagem. Ele deve ser estimulante, rico em informações e ter espaço suficiente para que haja interação entre as pessoas. Zabalza (1998, p.236), define este ambiente como espaço “constituído como uma estrutura de

oportunidades”.

Estas oportunidades surgem a partir das atividades propostas pelo docente e pela forma que os estudantes interagem para solucioná-las. Ferro e Ferreira (2013, p.5), explicam que “o ambiente deve propiciar condições que favoreçam a construção, a criação e a investigação ativa[...] é preciso oportunizar um ambiente educativo capaz de recriar condições de um processo de investigação”.

Um dos grandes insumos a ser considerado no rendimento do aluno na sala de aula são as turmas lotadas e superlotadas. Segundo Duso e Sudbrack (2009), em uma turma que possui um número elevado de alunos ficam prejudicados o atendimento individualizado, a aprendizagem, a avaliação e a interação professor-aluno e aluno-aluno.

Com a falta de espaço e com a sala cheia de alunos, o professor encontra dificuldade de acompanhá-los em suas dúvidas e atividades, pois a circulação torna-se limitada. Tais condições são geradas pela infraestrutura da escola, onde se percebe que as salas de aula são pequenas para o número exagerado de aluno.

Outro fator é a falta de espaço entre a mesa do professor e o quadro. Onde os primeiros alunos, que ficam ao lado do professor, ficam impossibilitados de ver tudo o que for escrito no quadro, o ângulo de visão acaba ficando comprometido. Desde modo, Glass e Smith (1979) e Glass et al. (1982), em sua meta-análise sobre tamanho da turma e Krueger (1999), concluíram que, classes menores apresentaram um melhor desempenho dos alunos.

Diante desse cenário, percebemos que a superlotação de sala de aula não é um dos melhores caminhos para o ensino aprendizagem, visto que, vários autores afirmam que quanto mais alunos menos atenção o professor oferece para todos e conseqüentemente isso prejudica o ensino aprendizagem.

Sendo assim, as turmas que são compostas por menos alunos podem favorecer o processo de ensino aprendizagem, porém, a maioria das escolas públicas sofrem com a superlotação das salas de aulas o que certamente compromete este processo. Corroborando com isto, Duso e Sudbrack (1999), “em seu estudo verificaram que as turmas mais cheias apresentavam um rendimento inferior”. Sendo assim, percebemos que quanto mais cheias são as salas de aulas, mais difícil se torna o processo de ensino aprendizagem.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho, teve como principal objetivo, analisar os critérios de enturmação

que as escolas de Lavras e região adotam, tomando como objetos de estudo a análise das observações dos estágios bem como, questionário respondido pelos mesmos. Tal análise faz-se necessária, uma vez que, estes critérios podem acarretar em futuros problemas tanto para os alunos como para os professores, além de interferir no processo de ensino aprendizagem.

Deste modo, identificou-se através da percepção dos estagiários, que as escolas, em sua maioria apresentam algum tipo de enturmação, além disso, foi possível identificar cinco critérios e analisá-los.

Uma vez que, a enturmação pode interferir diretamente na aprendizagem e interação entre alunos e influenciar também as pessoas, seus comportamentos e identidades, provocando mudanças no desenvolvimento da sociedade e das questões que regem a mesma, é necessário ter a atenção voltada às questões da educação.

Esse processo por mais simples que pareça ser, apresenta um grande impacto na vida acadêmica do aluno, pois interfere diretamente na sua educação. Apesar de a escola parecer o grande vilão desse processo de homogeneização das turmas através de critérios pré estabelecidos, não podemos simplesmente culpa-la. Esse processo exige atenção e remodelamento de outros setores tais como, estado, município e comunidade.

Podemos concluir que a escola e a forma como esta se organiza são fatores fundamentais e de forte influência ao que tange à formação dos alunos, o que já foi exaustivamente comentado, porém, merece este reforço devido à sua grande importância. Estudos contemporâneos mostram o quão importante é o seu papel no processo de aprendizagem e formação de cidadãos. Em outras palavras, a decisão política sobre a forma de agrupamento dos alunos reflete nas práticas pedagógicas da escola.

Temos ainda que a interação entre os alunos nas escolas e nas turmas não pesam apenas sobre os resultados escolares, como por exemplo, ao que diz respeito à motivação, atitude e expectativas em relação à instituição escolar, mas, têm peso fundamental sobre os aspectos extra-escolares, relativos à formação dos indivíduos. É aplicável a afirmação de que a escola tem efeito sobre o desenvolvimento das crianças, ela pode ou não fazer a diferença, reproduzir ou ajudar a transformar esta sociedade.

Acreditamos ser de extrema necessidade a existência de um trabalho de intervenção que envolva vários aspectos da realidade escolar como a qualidade da relação professor-aluno em sala de aula, as formas de transmissão dos conteúdos pedagógicos e as situações de ensino-aprendizagem propostas. A definição de critérios para a seleção do aluno por turma e professor e como a escola e o docente se apropriam dela, também faz-se importante, através,

das formas pelas quais as normas disciplinares definem as relações da instituição com seus alunos, enfim, do aluno e da sua capacidade de aprendizagem.

Cabe a essas entidades estabelecer regras que possam estabelecer uma enturmação que seja heterogênea, além de proporcionar aos professores formação apropriada para que eles possam lidar com esse tipo de público alvo. Portanto, esse trabalho de reestruturação deve ser realizado em conjuntos com a comunidade.

O presente trabalho, teve uma contribuição imensa para a minha formação como professor, uma vez que pôde esclarecer como o processo de enturmação, pode ser um problema quando não pensado de forma correta. Para além disso, essa questão nos faz refletir sobre a educação no Brasil, e proporciona como futuro professor um olhar crítico e reflexivo sobre o processo de ensino aprendizagem, buscando soluções para melhorar a nossa educação.

Embora, não seja um processo fácil de enfrentar, à reflexão e a crítica que o professor faz sobre sua práxis e sobre o contexto escolar, já é um começo para tentar melhorar essa questão da enturmação nas escolas e conseqüentemente o ensino aprendido no nosso país.

REFERENCIAS

- ALVARENGA NETO, R. C. D.; BARBOSA, R. R.; CENDON, B.V. **A construção de metodologia de pesquisa qualitativa com vistas à apreensão da realidade organizacional brasileira:** estudos de casos múltiplos para proposição de modelagem conceitual integrativa. *Informação & Sociedade*, v. 16, n. 2, 2006.x
- ALVES, Maria Teresa Gonzaga; SOARES, José Francisco. **Efeito-escola e estratificação escolar:** o impacto da composição de turmas por nível de habilidade dos alunos. *Educação em revista*, n. 45, p. 25-59, 2007.
- ALVES, A. J. **O planejamento de pesquisas qualitativas em educação.** *Cadernos de pesquisa*, n. 77, p. 53-61, 2013.
- ALVES, T.; PINTO, J. M. R.. **Remuneração e características do trabalho docente no Brasil: um aporte.** *Cadernos de Pesquisa*, v. 41, n. 143, p. 606-639, 2011.
- ARAÚJO, R. S.; VIANNA, D. M. . **DISCUSSÕES SOBRE A REMUNERAÇÃO DOS PROFESSORES DE FÍSICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA.** *Ciência em Tela*, v. 1, p. 1-9, 2008.
- ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação: buscando rigor e qualidade.** *Cadernos de pesquisa*, v. 113, p. 51-64, 2001.
- ANDRÉ, M. **Pesquisa, formação e prática docente** in ANDRÉ, Marli (org.). *O papel da pesquisa na formação e na prática de professores*. 12a ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012.
- BARBOSA, M. E. F; FERNANDES, C. **A escola brasileira faz diferença? Uma investigação dos efeitos da escola na proficiência em matemática dos alunos da 4a série.** In: FRANCO, C. (Org.). *Promoção, ciclos e avaliação educacional*. Porto Alegre: ArtMed, 2001. p. 155-172.
- BARBOZA, Eleuza Maria Rodrigues. **“A composição das turmas e o desempenho escolar na rede pública de ensino de Minas Gerais”.** In: *Coleção Digital PUC-RIO*. Rio de Janeiro, n.9696, Set. 2006. Disponível em: . Acesso em: 25 mai. 2009, 15h07min.
- BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação.**
- BARDIN ,L. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Ed.70, 1979.
- CASTRO, R.S. **A formação de professores em educação ambiental possibilita o exercício desta no ensino formal?** In: VIANNA, L.P. (Coord.). *Panorama da Educação Ambiental no Ensino Fundamental*, Brasília: MEC; SEF, 2001. 149p. p. 49-53. (Oficina de trabalho realizada em março de 2000).
- CASTRO–UFSM, Aline Tamires Kroetz Ayres; SALVA–UFSM, Sueli. **Estágio como**

espaço de aprendizagem profissional da docência no curso de pedagogia. Seminário de Pesquisa em Educação da região sul. 2012.

CASTOLDI, R.; POLINARSKI, C. A. **Considerações sobre o estágio supervisionado por alunos licenciandos em Ciências Biológicas.** Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências. Florianópolis novembro de 2009.

COSTA, Marcio da; KOLINSKI, Mariane. **“Prestígio escolar e composição de turmas: explorando a hierarquia em redes escolares”.** In: Estudos em avaliação educacional, v. 19, n. 40, p.305-330. maio/ago. 2008. Disponível em: . Acesso em: 04 set. 2009, 12h50min.

CORTEZÃO, Luiza. **“O arco-íris na sala de aula? Processos de organização de turmas: reflexões críticas”.** In: Cadernos de organização e administração educacional. Portugal. n.1, p.1-15, 2007. Disponível em: <<http://www.ciep.uevora.pt/publicacoesCadOAE/n01/art02/02.pdf>>. Acesso em: 04 set. 2009, 13h46min.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais.** São Paulo: Cortez, 1998.

DE OLIVEIRA, E. S. G.; CUNHA, Vera Lúcia. **O estágio supervisionado na formação continuada docente a distância: desafios a vencer e construção de novas subjetividades.** RED. Revista de Educación a Distancia, n. 14, 2006.

FREITAS, Zulind Luzmarina. **Um projeto de interação universidade-escola como espaço formativo para a docência do professor universitário.** 2008.

GATTI, Bernadete Angelina. **Formação de professores no Brasil: características e problemas.** Educação e Sociedade, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1355-1379, 2010.

GODOY, A. S. **Introdução à Pesquisa Qualitativa e suas Possibilidades.** Em: **Revista de Administração de Empresas,** São Paulo, v. 35, p. 57-63, 1995.

GOMES, Carlos Alberto. **“A escola de qualidade para todos: abrindo as camadas da cebola”.** In: Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.13, n.48, p. 281-306, jul./set. 2005. Disponível em: . Acesso em: 06 nov. 2010, 09h27min.

GIL PEREZ. D. **New Trends in science education. Internacional Journal Science Education.** v. 18, n. 8, p. 889-901, 1996.

Hooks, Bell. **Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade.** WMF Martins Fontes, São Paulo, 2013.

LIBÂNEO, José Carlos. **Formação de Professores e Didática para Desenvolvimento Humano.** Educacao e Realidade, v. 40, p. 629-650, 2015.

LIBÂNEO, J. C.. **O dualismo perverso da escola pública brasileira: escola.** Educação e

Pesquisa, v. 38, n. 1, p. 13-28, 2012.

LAVILLE, C.; DIONNE, J.A **construção do saber**. Belo Horizonte: UFMG, 1999. 340p.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli EDA. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. 1986.

MCLAREN, Peter. A Vida Nas Escolas: **Uma introdução à pedagogia crítica nos fundamentos da educação** (2a edição). Artes Médicas, 2000.

MITRE, S. M., SIQUEIRA-BATISTA, R., GIRARDI-DE-MENDONÇA, J. M., MORAIS-PINTO, N. M. D., MEIRELLES, C. D. A. B., PINTO-PORTO, C., ... & HOFFMANN, L. M. A. **Metodologias ativas de ensino-aprendizagem na formação profissional em saúde: debates atuais**. Ciência & saúde coletiva, 13, 2133-2144 (2008).

MAANEN, Jonh, Van. **Reclaiming Qualitative methods for organizational research: a preface**, in *administrative Science Quarterly*, Vol.24, no. 4, December 1979.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2002.

MARTINS, Ronei Ximenes; RAMOS, Rosana. **Metodologia de pesquisa: guia de estudos**. Lavras: UFLA, 2013, p. 8-21.

MEKSENAS, Paulo. **Pesquisa social e ação pedagógica: conceitos, métodos e práticas**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

OLIVEIRA, Marta K. de. Vygotsky. **aprendizado e desenvolvimento, um processo histórico**. São Paulo: Scipione, 1993.

PIMENTA, Selma Garrido. **O Estágio na formação de professores - unidade teoria e prática?** 7 ed. São Paulo: Cortez, 2006

PELOZO, R. C. B.. **Prática de ensino e o estágio supervisionado enquanto mediação entre ensino, pesquisa e extensão**. Revista Eletrônica de Pedagogia, São Paulo, aV, n. 10, 2007.

PADILHA, P. R.. **Educação em direitos humanos sob a ótica dos ensinamentos de Paulo Freire**. Revista Múltiplas Leituras, v. 1, n. 2, p. 23-35, 2008.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. do S. L. L. **O estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2004. 290

QUEIROZ, Danielle Teixeira et al. **Observação participante na pesquisa qualitativa: conceitos e aplicações na área da saúde**. Rev. enferm. UERJ, v. 15, n. 2, p. 276-283, 2007.

RODRIGUES, N. (2001). **Organização dos tempos e espaços educativos: da seriação à construção dos ciclos**. In.: PROCAD-FASE ESCOLAR SAGARANA. Organização dos tempos e espaços na escola. Belo Horizonte: SEE/MG, n. 4.

SAVIANI, Dermeval. **Sobre a natureza e especificidade da educação**. Germinal: Marxismo

e Educação em Debate, v. 7, n. 1, p. 286-293, 2015.

SAVIANI, Demerval. **Sobre a natureza e especificidade da Educação Pedagógica Histórico-crítico: primeiras aproximações**. 3 ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1992, p. 19-30.

SAVIANI, Dermeval. **Sobre a natureza e especificidade da educação**. Germinal: Marxismo e Educação em Debate, v. 7, n. 1, p. 286-293, 2015.

SAVIANI, D., **Escola e democracia**, 33ª. Ed. Campinas, Autores Associados, 2000-b.

SANT'ANNA, I. M.; MENEGOLLA, M. **Didática: aprender a ensinar**. 7. ed. São Paulo: Loyola, 2002. 126p.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

Tradução Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora, 1994.

SILVA, D. R. M.; VIEIRA, N. P.; OLIVEIRA, A. M. **O ensino de biologia com aulas práticas de microscopia: uma experiência na rede estadual de Sanclerlândia– GO**. III EDIPE Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino. p. 1-4, 2004.

SOARES, Sergei. **“Os fatores que determinam o sucesso educacional”**. In: Pesquisa e planejamento econômico, v.32, n.2, dezembro 2002. Disponível em: . Acesso em: 18 jul. 2010, 20h10min.

SOARES, José Francisco; ALVES, Maria Teresa Gonzaga. **Desigualdades raciais no sistema brasileiro de educação básica**. Educação e Pesquisa, v. 29, n. 1, p. 147-165, 2003.

TOZONI- REIS, Marília Freitas Campos, org. **A pesquisa-ação-participativa em educação ambiental: reflexões teóricas/** Organização de Marília Freitas de Campos. – São Paulo, 2007.

VASCONCELLOS, C.S. Coordenação do trabalho pedagógico: do projeto político-pedagógico ao cotidiano de sala de aula. São Paulo: Libertad, 2007

VEIGA, I. P. A. **Projeto Político-Pedagógico da escola: uma construção possível**. 10 ed. Campinas, SP: Papirus , 2000.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

VYGOTSKY, Lev. S. **Aprendizagem e desenvolvimento na Idade Escolar**. In: Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. Vigostky, L. Luria, A. Leontiev, A.N. 11ª. Edição. São Paulo: Ícone, 2010, p. 103-116.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

XAVIER, Flavia Pereira, CRUZ, T. M. **A formação de turmas e sua atribuição aos professores :possíveis influências na proficiência média em Leitura e Matemática dos alunos do 9º ano na Prova Brasil 2015**. Belo Horizonte: FAE – UFMG, 2017. Pôster apresentado na Semana de Iniciação Científica da UFMG.